

## **BANCOS COMERCIAIS E MÚLTIPLOS VERSUS COOPERATIVAS DE CRÉDITO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS INDICADORES ECONÔMICO- FINANCEIROS**

**LORENA CALIMAN**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
localiman@yahoo.com.br

**ALFREDO SARLO NETO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
supersarloneto@gmail.com

**DONIZETE REINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
dreina2@hotmail.com

**ELIZEU MARIA JUNIOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)  
elizeujunior@yahoo.com.br

## **Introdução**

As instituições financeiras possuem a função social de prestar serviços para a população, além de arrecadar tributos e pagar benefícios. No mercado financeiro, produtos e serviços similares podem ser ofertados por sociedades com perfis distintos: dentre elas as cooperativas de crédito, sociedade de pessoas, e os bancos, sociedade de capital.

Conforme relatório Bacen - Banco Central do Brasil (2014) o Sistema Financeiro tem o importante papel de fazer a intermediação de recursos entre os agentes

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Sendo assim, o problema de pesquisa a ser respondida é: Existem diferenças significativas entre os principais indicadores econômico-financeiros das cooperativas de crédito e dos bancos comerciais e múltiplos capazes de impactar na performance dessas organizações? Para responder a tal questionamento, esta pesquisa tem como objetivo principal avaliar o impacto das diferenças entre os principais indicadores econômico-financeiro das cooperativas de crédito e dos bancos comerciais e múltiplos sobre o

## **Fundamentação Teórica**

O Sistema Financeiro Nacional foi estruturado e regulado pela Lei 4.595/1964 (Reforma Bancária), Lei 4728/1965 (Mercado de Capitais) e a Resolução Bacen 1.524/1988 (criação dos Bancos Múltiplo). É constituído por todas as instituições financeiras existentes no país, públicas ou privadas.

Matias et. al (2013) entende que o Sistema Financeiro Nacional (SFN) é composto, por dois importantes mercados, o mercado de crédito e o mercado de capitais. O mercado de capitais se restringe a algumas grandes

## **Metodologia**

A pesquisa caracteriza-se como descritiva e de natureza quantitativa. Segundo Gil (2009, p.42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relação entre variáveis”. Richardson et al. (1999), caracterizam o método quantitativo como sendo o emprego da quantificação tanto na modalidade de coleta de informação, quanto no tratamento dessas informações por intermédio de técnicas estatísticas

## **Análise dos Resultados**

No Brasil, a maioria dos bancos tem operado com níveis de END bastantes superiores ao valor de seu capital próprio. Durante o período analisado, a média dos bancos (817%) foi bastante superior ao das cooperativas (448%). A principal justificativa para essa diferença, dá-se principalmente pelo maior grau de alavancagem dos bancos comerciais em relação a média das cooperativas de crédito.

O índice de independência financeira mostra a parcela do ativo financiada pelo capital próprio. As estatístic

## **Conclusão**

Na análise descritiva, o ROE das cooperativas de crédito apresentou maior rentabilidade proporcionada aos seus proprietários, com exceção do trimestre de março de 2015. A média do ROE dos bancos foi de 0,4%, enquanto nas cooperativas de crédito o ROE médio foi de 3,5%. Já ROA mostrou-se positivo em todos os trimestres estudados das cooperativas, com média de 1,1%, enquanto os bancos registraram média de 0,12%.

Em relação a ML, o indicador formado pela gestão dos ativos e passivos dos bancos (tax

## **Referências Bibliográficas**

ASSAF NETO, Alexandre. Mercado Financeiro. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

\_\_\_\_\_. Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro. 9ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BACEN. Relatório de Estabilidade Financeira. Março 2012. Volume 11. Número 1. Disponível em: . Acesso em: 07/11/2015.

\_\_\_\_\_. Evolução do Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: . Acesso em: 23/02/2016.

\_\_\_\_\_. P

# **BANCOS COMERCIAIS E MÚLTIPLOS VERSUS COOPERATIVAS DE CRÉDITO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS INDICADORES ECONÔMICO- FINANCEIROS**

## **1 INTRODUÇÃO**

As instituições financeiras possuem a função social de prestar serviços para a população, além de arrecadar tributos e pagar benefícios. No mercado financeiro, produtos e serviços similares podem ser ofertados por sociedades com perfis distintos: dentre elas as cooperativas de crédito, sociedade de pessoas, e os bancos, sociedade de capital.

Conforme relatório Bacen (2014) o Sistema Financeiro tem o importante papel de fazer a intermediação de recursos entre os agentes econômicos superavitários e os deficitários de recursos, tendo como resultado um crescimento da atividade produtiva. Sua estabilidade é fundamental para a própria segurança das relações entre os agentes econômicos.

Na última década, observou-se mudança no volume de crédito ofertado pelo setor bancário brasileiro. De acordo com o Bacen (2015), a participação do crédito no Produto Interno Bruto (PIB) era de 25% em 2003, atingindo 49% em 2011. A relação crédito/PIB alcançou 52,8% em junho de 2014 e 54,5% em julho de 2015.

Para Assaf Neto (2014), a necessidade de conhecimento do sistema financeiro é crescente ao longo do tempo, tanto pela importância que exerce na economia, quanto pela maior complexidade que as operações vêm apresentando. Para o autor, todo processo de desenvolvimento de uma economia exige a participação crescente de capitais e é em função desse processo de distribuição de recursos no mercado, que se evidencia a função econômica e social do sistema financeiro.

Neste contexto, o presente trabalho visa analisar se existem distinção no desempenho dos principais indicadores econômico-financeiro das cooperativas de crédito e dos bancos comerciais e múltiplos no período de dezembro de 2012 a junho de 2015, bem como identificar as variáveis que impactam no retorno sobre o patrimônio líquido dos bancos.

Primeiramente serão calculados os principais indicadores das instituições financeiras, e posteriormente os mesmos serão utilizados como variáveis para estimativa do ROE das instituições da amostra. Para tanto, serão utilizadas como ferramentas estatísticas, a análise descritiva e a regressão linear múltipla.

Sendo assim, o problema de pesquisa a ser respondida é: Existem diferenças significativas entre os principais indicadores econômico-financeiros das cooperativas de crédito e dos bancos comerciais e múltiplos capazes de impactar na performance dessas organizações? Para responder a tal questionamento, esta pesquisa tem como objetivo principal avaliar o impacto das diferenças entre os principais indicadores econômico-financeiro das cooperativas de crédito e dos bancos comerciais e múltiplos sobre o patrimônio líquido.

Dentre as motivações, está a de traçar uma análise comparativa no desempenho dos bancos e cooperativas, e verificar até que ponto, essas diferenças afetam no retorno sobre o patrimônio líquido dessas instituições.

A relevância do tema pode ser observada em pesquisas como a de Matias et. al (2014), que investigou o índice de eficiência e a evolução das receitas de prestação de serviços das cooperativas de crédito em comparação às instituições bancárias; Tornquist, Gandolfi e Martins (2013) compararam às vantagens obtidas na utilização dos produtos oferecidos pelas cooperativas frente outras instituições bancárias; Lhacer, Gallo e Bertucci (2012) estudaram se as cooperativas influenciam as taxas de juros praticadas pelos bancos comerciais e múltiplos; e quanto a utilização de indicadores, Primo, Dantas e Medeiros (2013) analisaram os determinantes da rentabilidade bancária no Brasil, medida pelos retornos sobre os ativos (ROA) e sobre o patrimônio líquido (ROE).

Este estudo está estruturado em cinco seções, incluindo essa introdução. Em seguida é discutido o referencial teórico, sobre os principais conceitos sobre o tema desta pesquisa, bem como os principais indicadores econômico-financeiros utilizados na análise de desempenho dos Bancos Comerciais e Múltiplos e Cooperativas de Crédito. Na sequência são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados, incluindo os modelos econométricos. Por fim, a análise dos resultados, conclusões e referências.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Sistema Financeiro Nacional, Bancos Comerciais e Múltiplos

O Sistema Financeiro Nacional foi estruturado e regulado pela Lei 4.595/1964 (Reforma Bancária), Lei 4728/1965 (Mercado de Capitais) e a Resolução Bacen 1.524/1988 (criação dos Bancos Múltiplo). É constituído por todas as instituições financeiras existentes no país, públicas ou privadas.

Matias et. al (2013) entende que o Sistema Financeiro Nacional (SFN) é composto, por dois importantes mercados, o mercado de crédito e o mercado de capitais. O mercado de capitais se restringe a algumas grandes empresas que conseguem realizar captações de recursos por meio da emissão de debêntures, por exemplo. Já o mercado de crédito é uma das mais importantes fontes de financiamento para empresas de vários setores.

No Brasil, as instituições financeiras são regulamentadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e fiscalizadas pelo Banco Central do Brasil (BACEN). A Lei 4.595/64, art.17, prevê que:

“As instituições financeiras para os efeitos da legislação em vigor, são as pessoas jurídicas públicas ou privadas, que tenham como atividade principal ou acessória a coleta, intermediação ou aplicação de recursos financeiros próprios ou de terceiros, em moeda nacional ou estrangeira, e a custódia de valor de propriedade de terceiros.”

Segundo dados Bacen (2015), existem atualmente 1.908 instituições autorizadas para atuar no mercado de crédito. Segue histórico do quantitativo de instituições, para os segmentos estudados.

Quadro 1 – Evolução do número de bancos múltiplos, bancos comerciais e cooperativas

Segmento	2011	2012	2013	2014	2015
	Dez	Dez	Dez	Dez	Jun
Banco Múltiplo	139	138	132	130	132
Banco Comercial <sup>1</sup>	21	23	23	22	21
Cooperativa de Crédito	1.328	1.269	1.209	1.163	1.140

<sup>1</sup>Inclui os bancos estrangeiros (filiais no país)

Fonte: Banco Central do Brasil, 2015.

Para Assaf Neto (2014) os bancos comerciais são instituições financeiras constituídas obrigatoriamente sob a forma de sociedades anônimas e são responsáveis por executar operações de crédito, principalmente de curto prazo, atendendo às necessidades de recursos para capital de giro das empresas. Para o autor, a grande característica dos bancos comerciais é a sua capacidade de criação de moeda, estabelecida com base nos depósitos à vista captados no mercado.

De acordo com Banco Central (BACEN, 2015), os bancos comerciais são instituições financeiras privadas ou públicas que têm como objetivo principal proporcionar suprimento de recursos necessários para financiar, a curto e em médio prazo, o comércio, a indústria, as empresas prestadoras de serviços, as pessoas físicas e terceiros em geral. Já os bancos

múltiplos (BACEN, 2015) são instituições financeiras privadas ou públicas que realizam as operações ativas, passivas e acessórias das diversas instituições financeiras, por intermédio das carteiras comercial, de investimento e/ou de desenvolvimento, de crédito imobiliário, de arrendamento mercantil e de crédito, financiamento e investimento.

Assaf Neto (2014) afirma ainda, que a criação dos bancos múltiplos surgiu como reflexo da evolução dos bancos comerciais e exigências do mercado. Para o autor, o projeto do banco múltiplo prevê atividades de quatro instituições: banco comercial, banco de investimento e desenvolvimento, sociedade de crédito, financiamento e investimento e sociedade de crédito imobiliário. Para que a instituição seja configurada como múltipla, ela deve ser constituída com, no mínimo, duas carteiras, sendo uma delas, obrigatoriamente, comercial ou de investimento.

## **2.2 Cooperativas de Crédito e as instituições bancárias**

No Brasil, o cooperativismo de crédito iniciou em 1902, sob a iniciativa do Padre Jesuíta Theodor Amstadt que adaptou a experiência alemã do modelo de Friedrich Wilhelm Raiffeisen (1818-1888) à realidade brasileira. A primeira Cooperativa de Crédito da América Latina, a SICREDI Pioneira, foi criada em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. A partir dessa iniciativa, várias cooperativas de crédito cresceram no Estado do Rio Grande do Sul e em todo o Brasil (PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, 2015).

Pagnussatt (2004) descreve que as cooperativas são sociedades de pessoas constituídas com o objetivo de prestar serviços financeiros aos seus associados, na forma de ajuda mútua, baseada em valores como igualdade, equidade, solidariedade, democracia e responsabilidade social. Assim, Assaf Neto (2014), afirma que “as cooperativas de crédito são instituições voltadas a oferecer créditos e prestar determinados serviços de crédito a seus associados”.

Segundo Bacen (2015) uma cooperativa de crédito é uma instituição financeira formada por uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, sem fins lucrativos, constituída para prestar serviços a seus associados.

Tornquist, Gandolfi e Martins (2013) entendem que as cooperativas de crédito se constituem como uma associação de pessoas, privilegiando os interesses de seus cooperados, que são efetivamente donos da instituição. Para os autores elas visam promover a ajuda mútua e colaboração no desenvolvimento de seus cooperados, gerando soluções financeiras e de serviços no âmbito econômico. Cooperativa Financeira é uma instituição de crédito organizada sob forma de sociedade cooperativa, mantida pelos próprios cooperados, que exercem ao mesmo tempo o papel de donos e usuários. As cooperativas financeiras são eficientes para o fortalecimento da economia, a democratização do crédito e a desconcentração de renda (PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, 2015).

Dentre os principais normativos vigentes sobre Cooperativas de Crédito, destacam-se os seguintes: Lei 4.595/1964 que dispõe sobre a política e as instituições monetárias, bancárias e creditícias. O normativo criou o Conselho Monetário Nacional e equiparou as cooperativas de crédito às demais instituições financeiras; a Lei 5.764/1971 que define a Política Nacional de Cooperativismo e institui o regime jurídico das sociedades cooperativas; o artigo 5º, XVIII da Constituição de 1988 que prevê a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independente de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento. Já o artigo 192 enumera que o Sistema Financeiro Nacional, também composto pelas cooperativas de crédito, será regulado por leis complementares; a Lei Complementar 130/2009 que dispõe sobre o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo; a Resolução 4.150/2012 que estabeleceu os requisitos e as características mínimas do fundo garantidor do cooperativismo de crédito e a Resolução Nº 4.434/2015 que dispõe sobre a

constituição, a autorização para funcionamento, o funcionamento, as alterações estatutárias e o cancelamento de autorização para funcionamento das cooperativas de crédito.

Segundo a Lei 5.764/71 “Art. 4º As cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados...”

A referida lei distingue as cooperativas das demais sociedades pelas seguintes características: adesão voluntária; variabilidade do capital social representado por quotas-partes; limitação do número de quotas-partes do capital para cada associado; inaccessibilidade das quotas-partes do capital a terceiros; singularidade de voto; quórum para o funcionamento e deliberação da Assembleia Geral baseado no número de associados; retorno das sobras líquidas do exercício proporcionalmente às operações realizadas pelo associado; indivisibilidade dos fundos de Reserva e de Assistência Técnica Educacional e Social; neutralidade política e indiscriminação religiosa, racial e social; prestação de assistência aos associados; e área de admissão de associados limitada às possibilidades de reunião, controle, operações e prestação de serviços.

No Brasil, a lei nº 4.595/1964 equipara as cooperativas de crédito às Instituições Financeiras, e seu funcionamento deve ser autorizado e regulado pelo Banco Central do Brasil. Apesar de ambas serem instituições financeiras, existem divergências entre essas instituições: enquanto os bancos objetivam lucro, as cooperativas de crédito visam proporcionar assistência financeira aos seus cooperados.

Meinen et al (2002) descreve diferenças entre os bancos e as cooperativas de crédito, conforme quadro 2.

Quadro 2: Bancos x Cooperativas de crédito

BANCOS	COOPERATIVAS DE CRÉDITO
São sociedades de capital	São sociedades de pessoas
O poder é exercido na proporção do número de ações	O voto tem peso igual para todos (uma pessoa, um voto)
As deliberações são concentradas	As decisões são partilhadas entre muitos
O administrador é homem do mercado	O administrador é do meio (cooperativado)
O usuário de operações é mero cliente	O usuário é o próprio dono (cooperativado)
O usuário não exerce qualquer influência no preço dos produtos	Toda a política operacional é decidida pelos próprios usuários/donos (cooperativados)
Podem tratar distintamente cada usuário	Não podem distinguir: o que vale para um vale para todos (Art. 37 da Lei 5764/71)
Preferem o grande poupador e as maiores corporações	Não discriminam, voltando-se mais para os menos abastados
Priorizam os grandes centros	Não restringem, tendo forte atuação nas comunidades mais remotas
A remuneração das operações e dos serviços não tem parâmetro/limite;	O preço das operações e dos serviços visa à cobertura de custos (taxa de administração)
Não tem vínculo com a comunidade e o público alvo	Estão comprometidas com as comunidades e os usuários
Avançam pela competição	Desenvolvem-se pela cooperação
Visam o lucro por excelência	O lucro está fora de seu objeto (Art. 3 da lei 5764/71)
O resultado é de poucos donos (nada é dividido com o cliente)	O excedente (sobras) é distribuído entre todos os usuários na proporção das operações individuais, reduzindo ao máximo o preço pago pelos cooperativados
São reguladas pela Lei das Sociedades Anônimas	São reguladas pela Lei Cooperativista

Fonte: Meinen et al (2002, p. 56)

Destaca-se dentre as diferenças entre um banco comercial e uma cooperativa de crédito, a forma de constituição. Os bancos são considerados sociedades anônimas, de capital e natureza comercial, regulamentados pela Lei nº 6.044/76, que é a Lei das Sociedades

Anônimas. Já as Cooperativas de Crédito são sociedade de pessoas, com forma e natureza própria, não estando sujeitas a falência. São reguladas pela Lei das Cooperativas nº 5.764/71.

Outra diferença importante para ressaltar é a relação entre as cooperativas e seus associados e os bancos e seus clientes. Os associados são proprietários e usuários dos serviços da cooperativa, com direito a voto nas assembleias, sem distinção de valores de cotas ou ações. Já os clientes não possuem direito a voto, sendo as decisões tomadas pela alta administração em conjunto com os acionistas.

Matias et. al (2013) afirma que frente o mercado de crédito dominado pelas instituições financeiras bancárias, o cooperativismo de crédito encontra nos bancos sua principal concorrência. Tal concorrência é fator expressivo para que o desempenho financeiro das cooperativas seja foco de constante análise e acompanhamento.

### 2.3 Indicadores Econômico-Financeiros

Para avaliar o desempenho das instituições, é corrente a utilização de indicadores econômico-financeiros. Nesse sentido, Matarazzo (2010), assevera que os índices são utilizados para medir vários aspectos econômicos e financeiros. Segundo o autor, para realizar análise de balanço, deve-se observar quatro etapas: extrair os índices das demonstrações financeiras; comparar os índices com os padrões; ponderar as diferentes informações para chegar num diagnóstico ou conclusão e tomar as decisões.

Quadro 3 - Indicadores de Rentabilidade e Capital

Indicadores	Fórmula	Conceito
Retorno sobre o Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Fornece o ganho percentual auferido pelos proprietários como uma consequência das margens de lucro, da eficiência operacional, do leverage e do planejamento eficiente de seus negócios.
Retorno sobre o Investimento Total	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}}$	Mostra os resultados das oportunidades de negócios acionadas pela instituição. É uma medida de eficiência influenciada principalmente pela qualidade do gerenciamento da lucratividade dos ativos e juros passivos.
Margem Líquida	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita de Intermediação Financeira}}$	É formada pelo resultado da gestão dos ativos e passivos (taxas, prazos, receitas e despesas), permitindo avaliar a função básica de intermediação financeira da instituição.
Endividamento	$\frac{\text{Passivo Total}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Permite identificar a maneira que está alavancado o crescimento, envolve a segurança oferecida pela instituição financeira ao capital de terceiros.
Independência Financeira	$\frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Ativo Total}}$	Identifica a parcela do ativo financiada pelo capital próprio.
Índice de Basileia <sup>1</sup>	$\frac{\text{Patrimônio de Referência} \times 100}{\text{Patrimônio de Referência Exigido} / 0,11}$	Indicador do risco das atividades bancárias internacionais. Requerimento mínimo de capital baseado em recomendações internacionais.
Índice de Eficiência Operacional	$\frac{\text{Rec. de Intermediação Financeira}}{\text{Despesas Operacionais}}$	Relaciona as despesas operacionais da instituição com sua receita de intermediação financeira. Quanto menor se apresenta o índice, mais elevada se apresenta a produtividade.

Fonte: Adaptado de Assaf Neto (2014), Gonçalves et. al (2012) e Bacen (2015).

Matias et.al (2013) expõe que para garantir a continuidade das empresas, é importante que a gestão de seus recursos seja feita de maneira eficiente, pois com os avanços, os

mercados têm se tornado cada vez mais competitivos. O mesmo ocorre com as Instituições Financeiras.

Neste contexto, esta pesquisa utiliza como indicadores de rentabilidade à Margem Líquida, Rentabilidade sobre o Ativo (ROA) e à Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido (ROE), conforme identificados no quadro 3. E como indicadores de capital o Endividamento, a Independência Financeira, Índice de Basiléia e o Índice de Eficiência.

Nascimento (2013) afirma que a utilização de índices no processo de análise das demonstrações financeiras torna-se importante para medir a situação econômico-financeira, e também comparar o comportamento e desempenho das organizações em determinados períodos.

Matias et. al (2014) afirma que o índice de eficiência é um importante indicador, pois relaciona os insumos aplicados na produção e os produtos obtidos nesse processo. A análise das rendas com prestação de serviços é significativa, pois tem se mostrado cada vez mais relevante no desempenho financeiro das instituições financeiras.

Segundo Oliveira (2011), são escassos os trabalhos que discorrem sobre os indicadores utilizados especificamente para análise das demonstrações financeiras de bancos, para a autora, dentre os estudos, destacam-se a publicação da FEBRABAN (1990) o trabalho de Assaf Neto (2010), que inclui capítulo específico sobre a análise de bancos e o trabalho de Primo, Dantas e Medeiros (2013) que analisou os determinantes da rentabilidade bancária no Brasil, medida pelos retornos sobre os ativos (ROA) e sobre o patrimônio líquido (ROE).

## **2.4 – Estudos Similares**

A relevância da temática relacionada aos bancos, cooperativas de crédito e indicadores econômico-financeiros está em conformidade com as discussões na literatura nacional e internacional.

Bressan, Lopes e Menezes (2013) avaliaram o desempenho das cooperativas de crédito filiadas ao Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) no período de 2000 a 2008. Os resultados indicaram que há limitações de eficiência das cooperativas de crédito. Fatores como tamanho e tempo de existência não influenciaram na avaliação, já “Capital Institucional/Ativo Total” e “Investimentos Financeiros/Ativo Total” possuem relação positiva com a eficiência das cooperativas.

Ainda sobre cooperativas, Carvalho et. al (2015), investigou os fatores que afetaram a saída do mercado das cooperativas de crédito singulares brasileiras. Concluiu que não há evidências estatísticas que garantam uma correlação entre rentabilidade e sobrevivência da cooperativa. O resultado aponta que o porte das cooperativas de crédito desempenha um papel fundamental para sua sobrevivência, além de que seu financiamento e sua gestão de investimentos estão relacionados à sua sobrevivência e ao seu risco de saída do mercado.

Alguns trabalhos apresentaram análise comparativa entre os números das cooperativas de crédito e os bancos. Tornquist, Gandolfi e Martins (2013) evidenciaram em seu trabalho às vantagens obtidas na utilização dos produtos oferecidos pelas cooperativas de crédito em comparação com as outras instituições. Os resultados apontaram a preferência na realização de operações financeiras na cooperativa, em detrimento de outras instituições, em razão do atendimento e horários diferenciados, melhores taxas de juros, valores reduzidos de tarifas, participação nos resultados, entre outros.

Já Matias et. al (2014), investigou o índice de eficiência e a evolução das receitas de prestação de serviços das cooperativas de crédito em comparação às instituições bancárias privadas e públicas. Os resultados demonstraram que os índices de eficiência dos bancos privados apresentaram os maiores níveis entre os segmentos analisados, seguidos pelos bancos públicos e, por fim, pelas cooperativas de crédito.



Além de Matias et. al (2014), o trabalho de Lhacer (2012) analisou se as cooperativas de crédito influenciam as taxas de juros praticadas pelos bancos comerciais e múltiplos. Os resultados evidenciaram que as cooperativas influenciam as taxas de juros de crédito praticadas pelos bancos por meio de sua participação de mercado. A maior participação de mercado das cooperativas está associada a maiores taxas de juros cobradas pelos bancos nas operações de crédito.

Barroso e Bialoskoski (2012) desenvolveram um modelo contábil para cálculo o *spread* financeiro das cooperativas de crédito, em comparação a instituições bancárias. Considerou-se que a análise detalhada do *spread* de cooperativas de crédito proporcionada pelo modelo descrito, mostrou-se consistente e pode representar importante ferramenta de contabilidade gerencial para as cooperativas de crédito.

Já no âmbito de análise econômico-financeira o trabalho de Primo, Dantas e Medeiros (2013) analisou os determinantes da rentabilidade bancária no Brasil, medida pelos retornos sobre os ativos (ROA) e sobre o patrimônio líquido (ROE). Os resultados apontam que a explicação para a rentabilidade dos bancos apresenta relação estatisticamente relevante e positiva com a taxa básica de juros da economia, com o nível de atividade econômica, com o nível da carga tributária, com a eficiência operacional da instituição e com a participação relativa dos bancos nacionais.

Campos, Souza e Matos (2015) verificaram o impacto da crise econômica nos indicadores de desempenho dos maiores bancos brasileiros. Concluiu-se que o tamanho das instituições não afetou o comportamento dos índices como um todo. A liquidez imediata, o índice Empréstimos/ Depósitos, o Retorno sobre o Investimento e o Índice de Eficiência Operacional apresentaram pouco impacto com relação a crise.

A pesquisa de Shehzadab, Haanad e Scholtensa (2013) investigou a interação entre o tamanho, crescimento e rentabilidade dos bancos. Os autores concluíram que embora o crescimento dos bancos não seja persistente, a rentabilidade é contínua. Apesar de constatarem que o crescimento do banco e a rentabilidade são independentes uns dos outros, descobriram que os maiores bancos crescem mais lentamente, porém são mais rentáveis que os bancos menores.

Ainda sobre indicadores, CALÇADO et. al (2013), apurou a existência de diferenças dos indicadores econômico-financeiros das instituições financeiras para as demonstrações preparadas nos modelos Cosif e IFRS. Os resultados revelaram diferenças significativas em relação aos indicadores imobilização do capital próprio, qualidade das operações de crédito, margem líquida, nível de encaixe obrigatório e exposição líquida em moeda estrangeira.

No contexto dos bancos, Karin (2016) buscou entender as origens e dimensões dos efeitos do posicionamento do governo sobre os *spreads* e a rentabilidade dos maiores bancos brasileiros. Como resultado, observou a efetividade da atuação governamental na redução do *spread ex post*, da rentabilidade das operações de crédito e da rentabilidade geral dos bancos públicos e privados.

Já o artigo de LEE e HSIEH (2013) investigou os impactos do capital sobre a rentabilidade e risco dos bancos Asiáticos. Baseou-se na hipótese de que a lucratividade bancária apresenta uma tendência de persistir ao longo do tempo e que existe uma relação positiva entre a rentabilidade dos bancos e a capitalização. Concluiu-se que o aumento de capital aumenta os ganhos esperados e de que pode ocorrer uma situação de causalidade reversa em que um maior lucro pode gerar um aumento de capital.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como descritiva e de natureza quantitativa. Segundo Gil (2009, p.42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relação entre variáveis”. Richardson et al. (1999), caracterizam o método quantitativo como sendo o emprego da quantificação tanto na modalidade de coleta de informação, quanto no tratamento dessas informações por intermédio de técnicas estatísticas.

A técnica empregada para coleta de dados é a pesquisa documental. Beuren (2010) expõe que esse tipo de pesquisa visa selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, buscando extrair algum sentido e introduzir algum valor.

Quanto ao controle das variáveis é *ex-post fact*, ou seja, a coleta de dados foi realizada através do site do BACEN, sem interferência. O BACEN disponibiliza seus relatórios segregados em seis grupos de informações, a saber: Resumo, Ativo, Passivo, Resultado de Intermediação Financeira, Resultado Líquido, Parcelas de capital. Para realização desta pesquisa utilizou-se os relatórios descritos dos períodos de dezembro de 2012 a junho de 2015, trimestralmente.

A população é formada pelos bancos comerciais e múltiplos e cooperativas de créditos ativos no período estudado. Destaca-se que foram analisados 1.278 registros de bancos e 12.655 registros de cooperativas para cada indicador calculado. Os testes econométricos referentes à análise de dados foram realizados no *software* STATA® versão 13.1

Por tratar-se de amostra extensa (Quadro 1), aplicou-se inicialmente o modelo *Boxplot* para avaliar os valores discrepantes (*outliers*) do Índice de Basileia. O *Boxplot* é um gráfico construído com base no resumo de cinco números: mediana, primeiro quartil, terceiro quartil, valor mínimo e valor máximo. As hastes inferiores se estendem do quartil inferior até o limite inferior e as hastes superiores se estendem do quartil superior até o limite superior. Os pontos distantes destes limites são considerados *outliers* e eliminados da amostra.

Na sequência a metodologia foi dividida em duas etapas: Diferença entre indicadores e análise descritiva e Regressão linear múltipla; Primeiramente, a fim de observar o desempenho dessas instituições, empregou-se o conjunto de indicadores contábeis (vide Quadro 3) baseado em Assaf Neto (2014), Gonçalves et. al (2012) e Bacen (2015). Para medir e comparar o desempenho das instituições foram avaliadas as estatísticas descritivas (média, mediana, desvio padrão, máximo e mínimo) de cada indicador calculado. O modelo de Regressão linear múltipla foi utilizado para prever a rentabilidade sobre o patrimônio líquido (ROE) dos bancos. Empregou-se como variáveis independentes: margem líquida, rentabilidade sobre o investimento total, endividamento, independência financeira, eficiência operacional e índice de Basileia.

Gujarati (2011) afirma que a análise de regressão diz respeito ao estudo da dependência de uma variável, a variável dependente, em relação a uma ou mais variáveis, as variáveis explanatórias, com o objetivo de estimar o valor médio da primeira em termos dos valores conhecidos ou fixados das segundas.

Em análise de regressão a variável dependente, é influenciada não somente pelas variáveis quantitativas, mas também pelas variáveis que são de natureza essencialmente qualitativa. Essas últimas variáveis são representadas pelas variáveis *dummies* que indicam a presença ou ausência de uma qualidade ou atributo da amostra.

Ainda segundo Gujarati (2011), os modelos de regressão com uma mistura de variáveis quantitativas e qualitativas são chamados de modelos de análise de covariância (ANCOVA).

Segue equação de regressão linear utilizada no estudo:

$$y = \alpha + \beta_1 x_1 + \beta_2 x_2 + \beta_3 x_1.x_2 + \dots + \beta_n x_n + \varepsilon$$

Em que, Equação 1

$y$  = variável dependente;  $\alpha_{it}$  = constante (intercepto de  $y$ );  $\beta$  = coeficientes angulares;  $x$  = variáveis independentes;  $n$  = número de variáveis independentes e  $\varepsilon_{it}$  = termo de erro

As variáveis binárias foram introduzidas na forma multiplicativa, permitindo verificar se duas equações lineares diferem em inclinação. Gujarati (2011) notou que este método fornece resultados idênticos aos do *Teste de Chow* (1960). Contudo, indica algumas vantagens para a técnica de variáveis binárias. Esta técnica indica as fontes de diferença entre as regressões lineares, ou seja, se a diferença é devido a intercepto (*dummy* aditiva), ou inclinações (*dummy* multiplicativa), ou ambos. Em uma única regressão obtêm-se todas as informações necessárias, ao passo que o *Teste de Chow* é um procedimento de vários estágios.

Cabe destacar que como a variável qualitativa instituição financeira possuía duas categorias (bancos, cooperativas), introduziu-se apenas uma variável binária a fim de evitar a colinearidade perfeita, isto é, relações lineares exatas entre as variáveis.

No estudo, foi realizado ainda o teste de significância, que tem como objetivo indicar se determinada informação sobre um parâmetro populacional é ou não verdadeira.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

São apresentados, a seguir, os resultados obtidos com o cálculo dos indicadores de rentabilidade e capital dos bancos e cooperativas da amostra.

##### 4.1 Análise descritiva

Inicialmente, apresentam-se as estatísticas descritivas da variável dependente e das variáveis explicativas.

**Tabela 1 - Estatísticas descritivas**

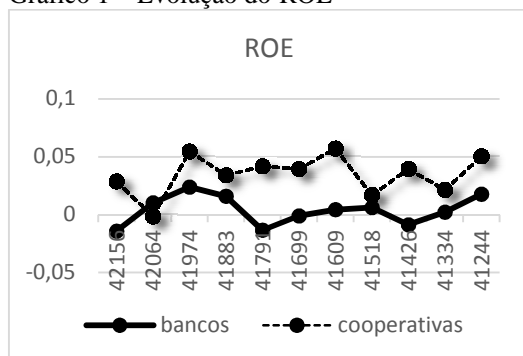
Indicadores	I.F	Média	Mediana	D. Padrão	Mínimo	Máximo
ROE	Bancos	0.004	0.022	0.185	-4.117	0.750
	Cooperativas	0.035	0.039	0.425	-14.385	29.000
ROA	Bancos	0.001	0.003	0.025	-0.386	0.256
	Cooperativas	0.012	0.012	0.041	-1.385	0.696
ML	Bancos	-0.004	0.068	0.814	-11.841	10.220
	Cooperativas	0.186	0.239	1.831	-141.000	22.833
END	Bancos	8.174	6.957	5.783	1.042	46.666
	Cooperativas	4.482	4.137	7.531	-594.333	335.500
IND	Bancos	0.190	0.144	0.155	0.021	0.960
	Cooperativas	0.391	0.240	0.484	-31.000	1.000
EFI	Bancos	-4.631	-2.859	7.849	-99.453	23.065
	Cooperativas	-2.136	-1.697	2.403	71.391	0.000
BAS	Bancos	21.334	17.700	9.812	-26.200	61.100

Onde: ROE- Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido; ML – Margem Líquida; ROA – Rentabilidade sobre o Investimento Total; END – Endividamento; IND – Independência Financeira; EFI – Eficiência Operacional; BAS – Índice de Basiléia.

**FONTE:** Dados da pesquisa.

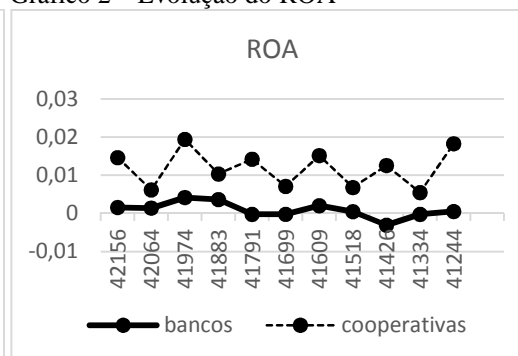
Na sequência, os gráficos dos indicadores calculados.

Gráfico 1 – Evolução do ROE



FONTE: Dados da pesquisa.

Gráfico 2 – Evolução do ROA



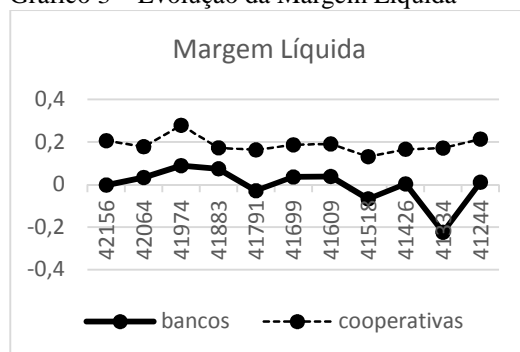
FONTE: Dados da pesquisa.

Na análise do gráfico 1, o ROE é sempre maior nas cooperativas de crédito que nos bancos comerciais e múltiplos, exceto no trimestre de março de 2015. O ROE registrou média de 0,4%, já as cooperativas 3,5%.

Os resultados do ROE sugerem que em relação à média dos bancos da amostra, as cooperativas de crédito possuem consideráveis margens de lucro, de eficiência operacional, de *leverage* e de planejamento eficiente de seus negócios.

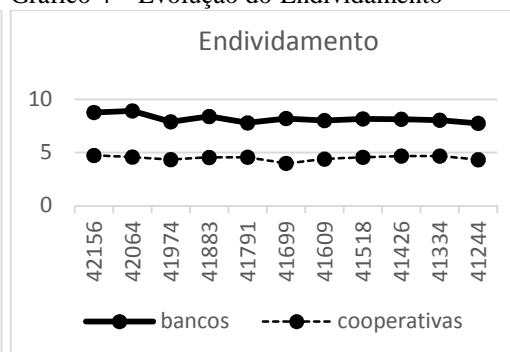
Conforme tabela 1, as estatísticas descritivas revelam que o ROA é maior nas cooperativas de crédito que nos bancos comerciais e múltiplos. No gráfico 2, o ROA mostrou-se positivo em todos os trimestres estudados das cooperativas. Os bancos registraram média do ROA de 0,1%, enquanto a média das cooperativas foi de 1,2%. Enquanto, o ROA é fortemente influenciado pela qualidade do gerenciamento da lucratividade dos ativos e juros passivos, indicando uma melhor gestão por parte das cooperativas.

Gráfico 3 – Evolução da Margem Líquida



FONTE: Dados da pesquisa.

Gráfico 4 – Evolução do Endividamento



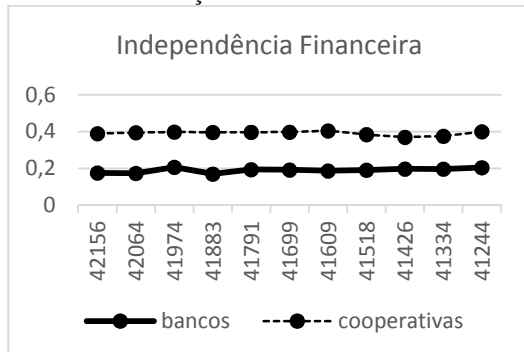
FONTE: Dados da pesquisa.

O gráfico 3, registrou melhor desempenho da ML para as cooperativas de crédito em todo o período analisado, sempre positiva. Já os bancos comerciais e múltiplos sofreram fortes oscilações, com resultados de ML negativa em março e setembro de 2013, além de junho de 2014 e junho de 2015. A média da ML foi de -0,4% para os bancos e 18,6% para as cooperativas. Esse resultado comprova uma boa gestão dos ativos e passivos (taxas, prazos, receitas e despesas) pelas cooperativas, permitindo avaliar a função básica de intermediação financeira da instituição.

No Brasil, a maioria dos bancos tem operado com níveis de END bastantes superiores ao valor de seu capital próprio, conforme demonstrado no gráfico 4. Durante o período analisado, a média dos bancos (817%) foi bastante superior ao das cooperativas (448%). A principal justificativa para essa diferença, dá-se principalmente pelo maior grau de alavancagem dos bancos comerciais em relação a média das cooperativas de crédito.

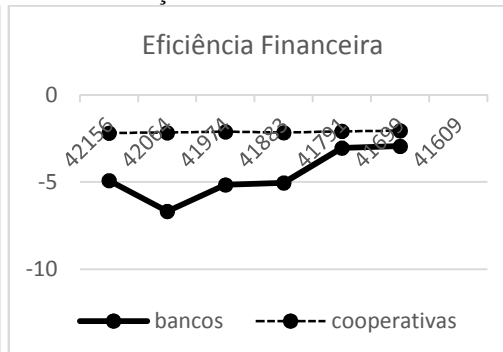
O índice de independência financeira mostra a parcela do ativo financiada pelo capital próprio. As estatísticas descritivas constataam que os bancos registraram menores IND, sugerindo que os mesmos trabalham mais alavancados, ou seja, com capital de terceiros.

Gráfico 5 – Evolução da Ind. Financeira



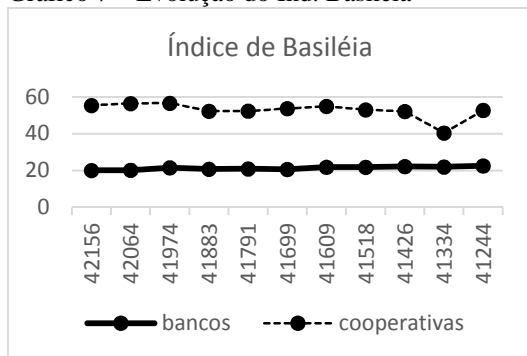
FONTE: Dados da pesquisa.

Gráfico 6 – Evolução da Eficiência Financeira



FONTE: Dados da pesquisa.

Gráfico 7 – Evolução do Ind. Basileia



FONTE: Dados da pesquisa.

De acordo com o gráfico 5, nos bancos, o índice de IND sofreu pequenas oscilações, apresentando ao longo do período média de 19%. Enquanto as cooperativas registraram média de 39,1%. Já em relação ao EFI, o gráfico 6 indica que os melhores resultados foram dos bancos comerciais e múltiplos com média de -4,63. Já nas cooperativas, a média do EFI foi de -2,13. Considerando que quanto menor se apresenta o índice, mais elevada se apresenta a produtividade, ou seja, o resultado demonstra que os bancos possuem estrutura operacional menor para manter suas atividades.

Cabe destacar que foram consideradas receitas de intermediação financeira, as receitas de operações de crédito, de arrendamento mercantil, cambial, aplicações interfinanceiras de liquidez, títulos e valores mobiliários e instrumentos financeiros derivativos. E como despesas operacionais, as despesas de pessoal, administrativas e tributárias. O período restrito do cálculo do índice (mar/14 a jun/15) deve-se a indisponibilidade de dados BACEN em períodos anteriores.

O Índice de Adequação de Capital (BAS), sinaliza uma situação patrimonial confortável para instituições financeiras, apresentando valores muito maiores do que o recomendado pelo comitê de 0,11 (onze centésimos), tratando-se de bancos, e 0,15 (quinze centésimos), tratando-se de cooperativas de crédito singulares não filiadas a cooperativas centrais de crédito. Adicionalmente, o índice de Basileia representa o requerimento mínimo de capital baseado em recomendações internacionais. A média calculada de 21,33 para os bancos, contra 52,63 para as cooperativas, indica que as cooperativas apresentam menor risco

aos associados, já que possuem uma reserva maior de capital para suprir os valores emprestados.

#### 4.2 Análise de covariância (ANCOVA)

Para testar a hipótese de existência de relação estatisticamente significativa entre os indicadores calculados e o ROE dos bancos e cooperativas, utilizou-se a técnica de inferência denominada Regressão Linear Múltipla, que resultou na formulação do modelo a seguir:

$$ROE_{it} = \alpha_{it} + \beta_1 DB_{it} + \beta_2 ML_{it} + \beta_3 DBML_{it} + \beta_4 ROA_{it} + \beta_5 DBROA_{it} + \beta_6 END_{it} + \beta_7 DBEND_{it} + \beta_8 IND_{it} + \beta_9 DBIND_{it} + \beta_{10} EFI_{it} + \beta_{11} DBEFI_{it} + \beta_{12} BAS_{it} + \beta_{13} DBBAS_{it} + \varepsilon_{it}$$

Equação 2

Sendo: ROE- Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido; DB- Dummy Banco; ML – Margem Líquida; ROA – Rentabilidade sobre o Investimento Total; END – Endividamento; IND – Independência Financeira; EFI – Eficiência Operacional; BAS – Índice de Basileia.

Seguem resultados do modelo proposto:

**TABELA 2 – Resultado da análise**

Variável	Coefficiente	Estatística-t	Significância - valor p
(constant)	0.330	44.840	0***
DB	-0.348	-7.850	0***
ML	0.013	6.390	0***
DBML	0.013	2.070	0.038**
ROA	0.803	7.120	0***
DBROA	5.046	7.510	0***
END	-0.045	-99.940	0***
DBEND	0.043	17.240	0***
IND	-0.415	-20.220	0***
DBIND	0.231	2.190	0.029**
EFI	-0.020	-12.980	0***
DBEFI	0.020	9.320	0***
BAS	0.000	1.510	0.131
DBBAS	0.003	1.840	0.066*
R-quadrado		0.585	
R-quadrado ajustado		0.584	

Estatisticamente significativo ao nível de: \*\*\*1% \*\*5% \*10%

Sendo: DB - Dummy Banco; ML – Margem Líquida; DBML – Dummy Banco x Margem Líquida; ROA – Rentabilidade sobre o Investimento Total; DBROA - Dummy Banco x Rentabilidade sobre o Investimento Total; END – Endividamento; DBEND - Dummy Banco x Endividamento; IND – Independência Financeira; DBIND - Dummy Banco x Independência Financeira; EFI – Eficiência Operacional; DBEFI - Dummy Banco x Eficiência Operacional; BAS – Índice de Basileia; DBBAS - Dummy Banco x Índice de Basileia.

**FONTE:** Dados da pesquisa.

Os resultados da regressão da Tabela 2 indicam que há significância estatística para todas as variáveis independentes, exceto para a variável Índice de Basileia.

O coeficiente de determinação ( $R^2$ ), medida da qualidade do ajustamento da linha de regressão a um conjunto de dados, indica que 58,50% da variação do ROE é explicada pelas variáveis independentes do modelo. Considerando a inclusão de variáveis explicativas adicionais, o coeficiente de determinação ajustado ( $R^2$  ajustado) pode representar de forma mais detalhada o ajustamento do modelo, sendo representado por 58,40%.

Para a regressão da Tabela 2, os resultados indicam que as variáveis ML, ROA, DBROA, END, DBEND, IND, EFI, DBEFI possuem significância estatística ao nível de 1%, já DBML, DBIND possuem significância estatística ao nível de 5%, DBBAS possui significância ao nível de 10% e BAS não possui significância estatística.

As variáveis *dummies* multiplicativas DBML, DBROA, DBEND, DBIND, DBEFI e DBBAS são fundamentais para atingir o objetivo desta pesquisa. Elas permitem captar, o efeito da *dummy* banco nos diferentes indicadores. Logo, para o cálculo da *dummy* multiplicativa, foi atribuído 0 para as Cooperativas e 1 para os Bancos.

Com os resultados da análise, observa-se que a variável *dummy* multiplicativa DBROA possui relação positiva com o ROE dos bancos e dentre as demais *dummies* multiplicativas apresentou o maior coeficiente, 5,046.

Os demais coeficientes das variáveis *dummies* multiplicativas também foram positivos, sendo DBIND 0,231, DBEND 0,043, DBEFI 0,020, DBML igual a 0,013 e DBBAS 0,003. Cabe destacar que, os resultados dos indicadores END, IND e EFI, quando não multiplicados pela *dummy* banco, apresentam relação negativa com o ROE, enquanto DBEND, DBIND e DBEFI, possuem relação positiva com o ROE.

Para a amostra como um todo, o ROA teve impacto positivo sobre a variável explicada, representando que com o aumento de uma unidade no ROA, o ROE aumenta cerca de 0,803. A variável margem líquida, apresentou coeficiente positivo.

A variável END, apresentou relação negativa com o ROE, enquanto que o DBEND teve relação positiva, ou seja, para a amostra como um todo o ROE reduz quando o END diminui, já para os bancos, quando o END aumenta o ROE aumenta. Tal resultado, pode confirmar a previsão que os bancos trabalham mais alavancados e em consequência, possuem os maiores retornos.

O efeito da variável IND, assim como o END, mostrou relação negativa com o ROE. Se a independência financeira aumentar, o ROE da amostra irá diminuir, enquanto que se o DBIND aumentar o ROE dos bancos poderá ampliar. Entretanto, a regressão indica relação negativa da EFI a variável dependente. Já a DBEFI possui relação positiva com o ROE. Portanto, o aumento da DBEFI irá expandir o ROE, ao contrário do resultado da amostra como um todo.

O Índice de Basileia não mostrou relação com o ROE, e também não possui significância estatística.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo avaliou o impacto das diferenças significativas dos principais indicadores econômico-financeiro das cooperativas de crédito e dos bancos comerciais e múltiplos sobre o patrimônio líquido, no período de dezembro de 2012 a junho de 2015. Para isso, utilizou-se de estatísticas descritivas e teste de regressão linear múltiplo.

Neste sentido, buscou-se encontrar evidências do comportamento diferenciado dos indicadores econômico-financeiros dos bancos comerciais e múltiplos, em relação às cooperativas de crédito. Complementarmente, foi analisado o comportamento dos indicadores calculados em relação ao retorno sobre o patrimônio líquido da amostra como um todo e dos bancos.

Na análise descritiva, o ROE das cooperativas de crédito apresentou maior rentabilidade proporcionada aos seus proprietários, com exceção do trimestre de março de 2015. A média do ROE dos bancos foi de 0,4%, enquanto nas cooperativas de crédito o ROE médio foi de 3,5%. Já ROA mostrou-se positivo em todos os trimestres estudados das cooperativas, com média de 1,1%, enquanto os bancos registraram média de 0,12%.

Em relação a ML, o indicador formado pela gestão dos ativos e passivos dos bancos (taxas, prazo, receita e despesas), as cooperativas também se mostraram mais eficientes, com

média de 18,60%, enquanto a média dos bancos foi de -0,4%. No cálculo do END, a média do período dos bancos (817%) foi bastante superior ao das cooperativas (448%), evidenciando maior grau de alavancagem dos bancos comerciais e múltiplos.

Os testes concluem que os bancos registraram menores índices de independência financeira, sugerindo maior utilização do capital de terceiros. A média dos bancos foi de 19,00%, e das cooperativas de 39,11%.

O Índice de Basiléia da amostra, registrou média de 21,33 para os bancos, contra 52,63 para as cooperativas, indicando que as cooperativas apresentam menor risco aos associados em razão de maior reserva de capital para suprir os valores emprestados. No que se refere ao Índice de Eficiência, as estatísticas inferem que esse indicador é maior nos bancos, média do período -4,63 contra -2,13 das cooperativas, caracterizando maior produtividade dos bancos da amostra.

Quanto a maior eficiência dos bancos, o resultado é condizente ao trabalho de Matias et. al (2014), que concluiu que os índices de eficiência dos bancos privados apresentaram os maiores níveis entre os segmentos analisados, seguidos pelos bancos públicos e, por fim, pelas cooperativas de crédito e Bressan, Lopes e Menezes (2013) onde os resultados indicaram que há limitações de eficiência das cooperativas de crédito.

Posteriormente, foi utilizado o modelo de Regressão Linear para predizer cada indicador estudado em razão do ROE. No modelo, foram inseridas *dummies* multiplicativas, que permitiram captar o efeito da *dummy* banco nos diferentes indicadores em relação ao ROE.

Os resultados indicaram relação positiva e significativa das variáveis *dummies* multiplicativas: DBML, DBROA, DBEND, DBIND, DBEFI e DBBAS com a variável dependente. Na análise da amostra como um todo, apenas ML e ROA também possuem relação positiva com o ROE, já END, IND e EFI possuem relação negativa com o ROE. A variável BAS não apresenta relação, nem significância.

Adicionalmente, observou-se que os indicadores END, IND e EFI, quando não multiplicados pela *dummy* banco, apresentam relação negativa com o ROE, enquanto DBEND, DBIND e DBEFI, possuem relação positiva com o ROE.

Desta forma, o estudo permite inferir que os indicadores dos bancos e cooperativas brasileiras em destaque são bastante distintos. Os testes descritivos aplicados registraram maior ROE, ROA, margem líquida, independência financeira e Índice de Basiléia para as cooperativas de crédito e maior endividamento e Índice de Eficiência para os bancos comerciais e múltiplos. Em síntese, os indicadores demonstraram uma performance competitiva dos bancos cooperativos.

Entretanto, na regressão onde a variável dependente é o ROE, nota-se que ao inserir as variáveis *dummies* multiplicativas de banco, todos os resultados indicam relação positiva com o ROE, enquanto que indicadores como END, IND e EFI apresentam impacto negativo no ROE para toda a amostra.

Dentre as limitações da pesquisa, destaca-se o pequeno número de indicadores utilizados, que não necessariamente capturaram aspectos econômicos e financeiros do período analisado. Além da dificuldade para obtenção de um número maior de observações que permita realizar um estudo mais amplo.

Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do período em análise e a utilização de novos indicadores, assim como a utilização de técnicas estatísticas mais robustas para maior exploração dos dados.



## REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro**. 9ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BACEN. **Relatório de Estabilidade Financeira**. Março 2012. Volume 11. Número 1. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 07/11/2015.

\_\_\_\_\_. **Evolução do Sistema Financeiro Nacional**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/deorf/r199812/texto.asp?idpai=revsfn199812>>. Acesso em: 23/02/2016.

\_\_\_\_\_. **Política Monetária e Operações de Crédito do SFN**. Julho 2015. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?ECOIMPOM>>. Acesso em: 23/08/2015.

\_\_\_\_\_. **Quantitativo de Instituições por Segmento**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/deorf/d201201/Quadro%2001%20-%20Quantitativo%20de%20instituições%20por%20segmento.pdf>>. Acesso em: 20/08/2015.

\_\_\_\_\_. **Bancos Comerciais**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pre/composicao/bc.asp>>. Acesso em: 20/08/2015.

\_\_\_\_\_. **O Sistema Financeiro Nacional e o Plano Real**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/deorf/r199812/texto.asp?idpai=revsfn199812>> Acesso em: 14/12/15.

BRASIL. **Lei n. 4.595**, de 31 de dezembro de 1964. Dispõe sobre a Política e as Instituições Monetárias, Bancárias e Creditícias, Cria o Conselho Monetário Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4595.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4595.htm)> Acesso em: 08/12/2015.

BRASIL. **Lei n. 5.764**, de 16 de dezembro de 1961. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L5764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5764.htm)> Acesso em: 08/12/2015.

BEUREN, I. M. (org). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BRESSAN, V. G. F.; LOPES, A. L. M.; MENEZES, M. R. Análise de eficiência das cooperativas de crédito brasileiras utilizando informações contábeis. In: 1º CONGRESSO INTEGRADO DE CONTABILIDADE, 2013, Governador Valadares. **Anais...** Governador Valadares: CONGRECONTI, 2013.

BARROSO, M. F. G.; BIALOSKORSKI NETO, S. Análise do spread da intermediação financeira em cooperativas de crédito. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 23, p. 145-171, 2012.

CAMPOS, K.; SOUZA, M. M.; MATOS, L.; Impacto da crise econômica do crédito nos indicadores de desempenho dos maiores bancos brasileiros: uma análise entre os anos de 2005 a 2012. **REUNIR: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, Vol. 5, n. 2, p.122-143, 2015.

CALCADO, E. D.; DANTAS, J. A.; RODRIGUES, J. M. ; NIYAMA, J. K. . Indicadores Econômico-Financeiros Dos Bancos Brasileiros: Impactos Associados aos Padrões Contábeis do IASB e do BCB. In: 13º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 13º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 2013.

CARVALHO, F. L.; DIAZ, M. D. M.; BIALOSKORSKI NETO, S.; KALATZIS, A. E. G. Saída e insucesso das cooperativas de crédito no Brasil: uma análise do risco. **Revista Contabilidade &**

- Finanças - USP**, v. 26, n. 67, p. 70-84, 2015. FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos. **Introdução à análise de instituições financeiras**. São Paulo: IBCB, 1990. Caderno 18.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GONÇALVES, R. de S.; TAVARES, A. de L.; XIMENES, P. M.; SILVA, R. M. P. da. Comportamento dos dez maiores bancos brasileiros durante a crise do subprime: uma análise por meio de indicadores contábeis. **REPeC**, Brasília, v. 6, n. 2, art. 4, p. 170-186, abr./jun. 2012.
- GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. **Econometria Básica**, 5. ed. Bookman: Porto Alegre, 2011.
- HAKIM, A.; **A Intervenção Estatal sobre o Mercado Bancário no Brasil por Meio dos Bancos Públicos: A Tentativa de Redução dos Spreads em 2012**. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016.
- LHACER, Priscilla M. V.; **Cooperativas de crédito e formação da taxa de juros nas operações bancárias: teoria e evidências empíricas no Brasil**. 2012. 151 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.
- LEE, C.-C.; HSIEH, M.-F. The impact of bank capital on profitability and risk in Asian banking. *Journal of International Money and Finance*, v. 32, p. 251–281, 2013.
- MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATIAS, A. B.; QUAGLIO, G. M.; LIMA, J. P. R.; MAGNANI, V.; Bancos versus cooperativas de crédito: um estudo dos índices de eficiência e receita da prestação de serviços entre 2002 e 2012. **RAM. Revista de Administração Mackenzie** (Online), v. 15, p. 195-223, 2014.
- MEINEM, Ênio; DOMINGUES, Jefferson Nercolini. **Cooperativas de Crédito no Direito Brasileiro**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002.
- NASCIMENTO, Divane Dias dos Santos. **Concentração do crédito em financiamento de veículos: um estudo do desempenho dos bancos das montadoras de veículos**. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- OLIVEIRA, Vanessa Herculano de. **Operações com títulos e valores imobiliários: impacto sobre os principais índices econômico-financeiros de bancos atuantes no Brasil**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) –Universidade de São Paulo Departamento de Contabilidade e Atuária, São Paulo, 2011.
- PAGNUSSATT, Alcenor. **Guia do cooperativismo de crédito: organização, governança e políticas corporativas**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2004.
- PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO. **O que é uma cooperativa de crédito**. Disponível em: < [www.cooperativismodecredito.com.br](http://www.cooperativismodecredito.com.br) > Acesso 26/07/2015.
- PRIMO, U. R.; DANTAS, J. A.; MEDEIROS, O. R. et al. Determinantes da rentabilidade bancária no Brasil. **BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 10, n. 4, p. 308-323, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.4013/base.2013.104.02>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnica**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SHEHZADAB, C. T.; HAANACD, J. D.; SCHOLTENSA, B. The relationship between size, growth and profitability of commercial banks. *Applied Economics*, v. 45, p. 1751–1765, 2013.
- TORNQUIST, D. D.; GANDOLFI, P. E.; MARTINS, V. F.. Análise do diferencial competitivo das cooperativas de crédito brasileiras perante as demais instituições financeiras na perspectiva de seus cooperados. **AJOICA. Revista de la Agrupación Joven Iberoamericana de Contabilidad y Administración de Empresas**. V.11, pp. 41 – 49, 2013.